

## “Os Sapatinhos Vermelhos” em Hans Andersen e em Caio F. Abreu



Daniele de Oliveira Dias\*  
Fernanda de Sousa Silva\*\*

### Resumo

Este artigo pretende analisar os textos “*Os Sapatinhos Vermelhos*”, o de Hans Andersen e o de Caio Abreu. Primeiro abordaremos os símbolos encontrados dentro de cada narrativa, individualmente, depois faremos uma análise dos pontos que os separam, pois, apesar do mesmo título, e de Caio Abreu ter usado como mote, na construção de seu conto, um trecho da fábula de Andersen, há muita diferença na abordagem dos temas.

**Palavras-chave:** Literatura. Simbologia. Existencialismo.

### Abstract

This article aims to analyze the texts “*Os Sapatinhos Vermelhos*”, from Hans Andersen and from Caio Abreu. First we will broach the symbols found within each narrative, individually, then we will make an analysis of points separating them, because, despite the same title and Caio Abreu have used as motto, in the building of its tale, an exerpt of Andersen’s fable, there is much difference in approaching the themes.

**Keywords:** *Literature. Symbology. Existentialism.*

\* Graduada em Letras, Língua Portuguesa (UFAM). e-mail: danieleodias@bol.com.br;

\*\* Graduada em Letras, Língua Portuguesa (UFAM).e-mail: wnanda\_20@hotmail.com



## Introdução

Caio Fernando Loureiro de Abreu, nasceu em 12 de setembro de 1948 em Santiago (RS), foi jornalista, e escritor brasileiro. Apontado como um dos expoentes de sua geração, sua obra, escrita num estilo simples, bem pessoal, e desenvolvida acima dos convencionalismos de qualquer ordem, com uma linguagem fora dos padrões normais, fala de sexo, medo, morte e, principalmente, ora com delicadeza, ora com agressividade, de angustiante solidão. Apresenta uma visão dramática do mundo moderno conseguindo mostrar sob outras perspectivas fatos do cotidiano, além de ser um dos mais emblemáticos escritores brasileiros. De suas obras destacam-se os contos e, dentre eles, escolhemos para a análise “*Os Sapatinhos Vermelhos*”. Esse conto é uma adaptação de uma fábula infantil do dinamarquês Hans Christian Andersen – autor de, entre outras, *O Patinho Feio* e *A Pequena Sereia* –, que tem o mesmo nome e, para entendermos melhor o conto adaptado de Caio F. Abreu, veremos um pouco do que trata a história de Andersen.

### 1 Andersen e Os Sapatinhos Vermelhos

Tudo leva a crer que, para entender em profundidade os contos de Andersen, é preciso lê-los com um olhar adulto, de preferência com o olhar de alguém que vê para além das aparências, das significações mais imediatas. O tom nostálgico predomina na maior parte dos seus contos, alimentados na realidade cotidiana da sua época, na qual impera a injustiça social e o egoísmo, pois este é percebido nas atitudes de seus personagens, já que têm amor excessivo ao bem próprio sem consideração aos interesses alheios.

“Sapatinhos Vermelhos” é uma fábula, criada no século XIX, sobre uma menina que só tinha um sapato de madeira que usava no inverno. Após sua mãe falecer, é adotada por uma velha senhora que compra roupas e sapatos, mas ao ver uma princesa com um sapato vermelho, a menina deseja ter um igual. Ao



encomendar um sapato para o seu batismo e ir tirar a medida dos pés, encontrou, dentre os pares que estavam na vitrine, um que era igual ao da princesa. A menina, aproveitando-se da pouca visão da velha, adquiriu o sapato, pois ela não deixaria que os usasse naquela ocasião, principalmente para ir à igreja. Ela só pensava nos sapatos e, quando a velha descobriu que os sapatos eram vermelhos, proibiu-a de usá-los: ela deveria usar os pretos, mas não obedeceu e continuou com os vermelhos. De vez em quando, aparecia-lhe um velho soldado de barbas vermelhas que sempre elogiava os sapatos, dizendo que era para ela se segurar quando dançasse. A velha adoece e, mesmo assim, ela resolve ir a um baile; a partir disso, não consegue mais parar de dançar, tampouco ter controle sobre os pés, que fazem o que querem e a levam por vários lugares. Um anjo lhe aparece e diz que ela está condenada a dançar até a exaustão e, quando as outras crianças a vissem, teriam medo dela e isso lhe serviria de lição. Um dia dançou diante de uma porta que conhecia bem, ouvindo, do interior, o som de um hino, e vê um caixão coberto de flores que estava sendo conduzido para fora. Soube, então, que a velha senhora tinha morrido; entretanto, não conseguia parar de dançar. Dançava dia e noite, até que resolveu ir atrás do carrasco que morava na floresta para pedir que lhe cortasse os pés. Apoiada numa muleta, pois usava pés de madeira feitos pelo carrasco, foi até a igreja para se redimir de seu pecado. Passa a ser perseguida pelos sapatos e vai morar com a família do pároco, mostra-se trabalhadora e sempre ouve, atentamente, o pároco ler a Bíblia. Num domingo, quando todos vão à igreja, a menina fica em casa e, ao orar, vê o mesmo anjo que a amaldiçoara, agora com um ramo coberto de rosas nas mãos e, onde ele tocava, o espaço se abria ou nascia uma estrela, o coração da menina estava tão ensolarado, tão cheio de paz e de alegria, que se partiu. Sua alma voou ao céu pela escada do sol e ninguém mais falou sobre os sapatinhos vermelhos.

Inveja e vaidade são os temas centrais do texto. O final, característico em Andersen, não é feliz. E porque o final nem sempre é feliz, aproxima-se, muitas vezes, mais da tragédia grega do que do típico conto de fadas, pois a tragédia

inspira “pena e temor, opera a catarse própria dessas emoções”. (ARISTÓTELES, 1981, p. 24), que são observados também nesse texto, porque se fosse um típico conto de fadas, segundo a visão do senso comum, poderia haver a restituição de seus pés e ela não teria morrido, já que nesses contos a magia se faz presente.

Há a presença de valores sociais, tais como: valorização do indivíduo por suas qualidades próprias e não por seus privilégios ou atributos sociais; ânsia de expansão do eu, pela necessidade do conhecimento de novos horizontes e da aceitação do eu pelo outro; crença na superioridade das coisas naturais em relação às artificiais; incentivo à fraternidade e à caridade cristãs, à resignação e à paciência com as duras provas da vida (muito forte nas características do texto analisado); valorização da obediência, da pureza, da modéstia, da paciência, do recato, da submissão, da religiosidade como virtudes básicas. E esses valores “mostram à sociedade as injustiças que estão na base da sociedade, mas ao mesmo tempo, oferecem o caminho para neutralizá-las: a fé religiosa” (COELHO, 2003, p. 25).

O sapato está relacionado ao complexo de poder simbolizando uma posição de afirmação do ego, o que podemos ver com clareza na história, ao usar os sapatos em ocasiões inadequadas só porque ele parecia com os da princesa e chamavam muita atenção, o que prova que ela queria afirmar o próprio ego, também pode ter outra simbologia, o prenúncio da morte e, por o estar usando, acaba tendo o fim trágico. A cor vermelha, muitas vezes, associada ao pecado, está, aqui, relacionada ao pecado da vaidade, ao amor narcísico pela fama e ao sucesso. Como todo pecado, mereceria uma punição a qual, no caso da menina, foi, além da amputação dos pés, a própria morte, sendo que entra, aqui, uma nova significação para a morte, que seria a purificação da menina, a redenção de seus pecados, já que o anjo foi buscá-la, e ela foi para o céu. Há, também, uma presença muito simbólica no texto, a do velho soldado, que pode representar o prenúncio do que está por vir, além de ser a representação da própria vaidade, pois a barba dele é vermelha com a mesma caracterização do vermelho do sapato,



além do mais, o velho fica a todo momento exaltando a beleza dos sapatos e fazendo com que a menina se envaideça ainda mais, o que, por outro lado, nos levaria a afirmar que ele é a própria representação do diabo, pois assim como Satanás tentou Eva, através da serpente, atizando nela a vontade de comer o fruto proibido, o velho alimentava na menina o desejo de continuar a usar os sapatos; a barba, mencionada toda vez que se fala do velho, é um símbolo de virilidade, o que é afirmado por se tratar de um soldado, e sabedoria, uma vez que só os homens a possuem e num determinado período cultural, os sábios deixavam suas barbas crescerem, então ele sabia do que estava falando quando repetia aquela frase para a menina. Um outro personagem que tem um valor simbólico e que seria o oposto do velho é o anjo, que representa a justiça de Deus contra o pecado e o perdão para eles, se forem reconhecidos. Depois de ter os pés cortados, a menina ganha pés feitos de madeira, pelo carrasco. No Catolicismo, a madeira, freqüentemente associada à cruz, pode representar totalidade do paraíso, abrigo, um berço ou um caixão, o que já indicaria o fim trágico da história, representa, entre outras coisas, que se está adquirindo uma grande quantidade de conhecimentos enriquecedores, ou seja, sua escala de valores está mudando por completo, como acontece com ela, pois é depois disso que se transforma em uma nova menina, obediente e fiel a Deus.

Apesar de ser uma história infantil, a pessoa que a lê não deve ser, de todo, ingênua, pois há nuances extra-textuais que requerem outros conhecimentos.

## 2 Caio F. Abreu e Os Sapatinhos Vermelhos

A narrativa de Caio Fernando Abreu vai realizando-se permeada por uma impossibilidade: narrativa que corrói a estabilidade de seu conteúdo, já que abriga em si mesma o germe da contradição.

Em “*Os Sapatinhos Vermelhos*”, de Caio F. Abreu, a história, dividida em três partes, é de uma mulher que, abandonada pelo seu amante, decide vingar-se dele.



Na primeira parte, a mulher, chamada Adelina, fica remoendo todos os sentimentos de angústia pelo fato de ter sido abandonada. Ela, na sala de seu apartamento, lembra todas as vezes que fez as vontades dele, que cinco anos eram muito tempo para quem estava perto de completar quarenta anos. Ele, que usava um terno cinza, era casado e agora decidira pôr fim a essa relação, mas ela não tinha nada, nem filhos, nem marido, nem herança e ainda morava de aluguel e cinco anos eram muito para quem não tem nada. “Precisava apressar-se, antes que a quinta virasse Sexta-Feira Santa e os pecados comesçassem a pulular na memória como macacos engaiolados” (ABREU, 2006, p. 66). Decidiu que não iria mais chorar e, com a cabeça baixa, contemplou seus pés nus. Uns pés pequenos, quase de criança, unhas sem pintura, afundados no tapetinho amarelo em frente à penteadeira. Foi então que se lembrou dos sapatinhos, aqueles que tinham sido presente dele, de seu amante. Escancarou portas e gavetas de todos os armários e cômodas, à procura dos sapatos, até encontrá-los na terceira gaveta do armário embrulhados em papel de seda azul-clarinho. Eram lindos, mais lindos do que podia lembrar. Mais lindos do que tinha tentado expressar quando protestou, comedida e comovida – “mas são tão [...] tão ousados, meu bem, não têm nada a ver comigo” (ABREU, 2006, p. 67). Eram vermelhos – mais que vermelhos: rubros, escarlates, sanguíneos. Quase cedeu ao impulso de calçá-los imediatamente, mas sabia instintivamente que teria primeiro que cumprir um ritual. Logo após cumpri-lo, arrumada dos pés à cabeça, foi que sentou outra vez na penteadeira para calçar os sapatinhos vermelhos. Olhou-se no espelho de corpo inteiro do corredor. Gostou do que viu. Saiu de casa.

Na segunda parte, ela encontra-se em um bar e vê três homens em outra mesa, desses, o negro é o primeiro a se aproximar, ele pergunta o que ela está fazendo ali, ela curva-se para que ele acenda o cigarro, mas ela acaba acendendo sozinha. Por baixo da mesa, o negro avançou o joelho entre as coxas dela. Ela cedeu um pouco, pelo menos até sentir o calor aumentando. Mas preferiu cruzar as pernas. Que não era assim, tão fácil. Entretanto ela olha para os amigos dele e



pede para que ele os chame para sentarem com eles. Falava como a dublagem de um filme. Uma mulher movia o corpo e a boca: ela falava. O negro os chamou, eram dois: o moço dourado com jeito de tenista e o outro baixo e forte. Quando perguntaram seu nome, ela mentiu dizendo que se chamava Gilda, mas mentia só em parte, contou para o espelinho, porque de certa forma sempre fora inteiramente Gilda. Beberam e dançaram juntos até que o mais baixo falou “– quero foder você, rosnou: pra que essa frescura toda? Foi quando ela levantou a perna, apoiando o pé na borda da cadeira, que todos viram o sapato vermelho. Tinham chegado ao ponto. O ponto vivo, o ponto quente” (ABREU, 2006, p. 71). Ela decidiu levá-los para o apartamento dela e, apesar do uísque, saiu pisando firme nos sapatos vermelhos, os três atrás. Os sapatos vermelhos eram a única coisa colorida daquela rua.

Na terceira parte, dentro do apartamento dela, mais precisamente, no quarto, começam a despir-se, mas eles pedem a ela que tire tudo, menos os sapatos. Tirou tudo, jogando para os lados. Menos a meia de seda negra, com costura atrás, e os sapatinhos vermelhos. Nua, jogou-se na colcha rosa, as pernas abertas. Eles cercaram lentos, jogando as zorbas sobre o crepe negro. E assim, fizeram de todos os jeitos: quatro, cinco vezes. Não era mais Gilda, nem Adelina, nem nada. Era um corpo sem nome, varado de prazer, coberto de marcas de dentes e unhas, completamente satisfeita. E vingada. Depois que se foram, passando um pouco do meio-dia, limpou os sapatos e disse que a culpa tinha sido do néon, aquelas luzes em frente à boate, foi o néon maligno da Sexta-Feira Santa, quando o diabo se solta porque Cristo está morto pregado na cruz. Acordou no Sábado de Aleluia, a campanha tocou, ela, completamente nua, a não ser pela meia e pelos sapatos, atendeu a porta, e lá estava ele, com o terno cinza, uma dúzia de rosas vermelhas e um ovo de páscoa nas mãos, ela pediu para que ele fosse embora, tinha acabado. Ele ainda tentou falar alguma coisa, até ver as marcas no corpo dela, sentir o cheiro da bebida e da orgia e pela primeira, única e última vez ele a chamou muitas vezes de puta, puta vadia, puta escrota, depravada e pervertida.

Jogou o ovo e as rosas vermelhas na cara dela e foi embora para sempre. Só então ela sentou para tirar os sapatos. Na carne dos tornozelos inchados, as pulseiras tinham deixado lanhos fundos. Havia ferimentos espalhados sobre os dedos. Na segunda, ao ir trabalhar, com um vestido marrom e de gola, todos queriam saber por que ela estava com dificuldade de andar, então ela respondeu que era por causa do sapato novo que estava um pouco apertado, nada mais. Os ferimentos doíam quando ameaçava chover, e, ela, mesmo assim, não conseguia ceder à vontade de usá-los, mas quase sempre o impulso de calçá-los era mais forte. Só pensou em jogá-los fora quando as varizes começaram a engrossar, escalando as coxas.

Como podemos observar, há, também, muita simbologia no texto, o que veremos agora para, posteriormente, analisarmos com maior precisão os dois textos. O sapato, dentre sua representação, pode estar relacionado ao complexo de poder evocando uma posição de afirmação do ego. Pode, ainda, representar o órgão sexual feminino por revestir o pé, que é um conhecido símbolo fálico. Uma vez que escravos andavam descalços, o uso dos sapatos também pode simbolizar liberdade. Tudo isso se aplica a esse conto, pois quando a mulher coloca os sapatos, muda completamente, torna-se extremamente sensual e atrai, para ela, três homens de uma só vez. Vemos, aqui, a representação do sapato como o órgão sexual feminino, tanto é que ao irem para a cama, os homens imploram para que ela não tire os sapatos, porque os pés simbolizam o falo e, como homens queriam toda a feminilidade que ela pudesse oferecer, mantem-na com os sapatos. Quanto à cor vermelha, evoca não só o pecado da luxúria, mas a vitalidade que essa prática traz, a sensualidade, o poder sexual, é uma cor exaltante. É uma cor essencialmente quente, transbordante de vida e de agitação. Parece que, ao colocar os sapatos vermelhos, ela ganha coragem para fazer tudo o que queria e, apesar de seus quase quarenta anos, atrai olhares e faz coisas que exigem muita vitalidade. O vermelho, assim como o amarelo (dourado) que é muito presente no texto, tem uma relação com o fogo, sendo que este simboliza,





por suas chamas, a ação fecundante e iluminadora. Mas ele apresenta, também, um aspecto negativo: obscurece e sufoca, por causa da fumaça; queima, devora e destrói – o fogo das paixões, do castigo e da guerra. Com essa relação, do vermelho e amarelo com o fogo, podemos afirmar que Adelina só externa essa ação fecundante quando calça o sapato vermelho e quando o tenista – de cor dourada e ainda vestindo uma camisa amarela – chama a atenção dela, além de ser a cor do tapete em que estão os seus pés quando ela tem a idéia de calçar os sapatos, o que reflete a idéia de iluminação causada pelo fogo. Quanto ao aspecto negativo, ela, ao calçar os sapatos, não consegue perceber o que está fazendo, tanto é que, depois de tirá-los, diz que a culpa é do néon e do diabo, mostrando que a fumaça do fogo pode sufocar e obscurecer a visão de uma situação, além de destruir, queimar e devorar a antiga Adelina, que passou a nomear-se Gilda, como a personagem, vivida pela atriz Rita Hayworth, do famoso filme intitulado “Gilda”, ela(s) representam as mulheres que, saindo das fronteiras do ‘lar’, arriscam-se a experiências sexuais-vivenciais que se amparam em vários riscos. Há, também, a presença da cor cinza, personificada no amante que só usa terno cinza, gravata um pouco mais clara e sapatos um pouco mais escuros. O cinza representa aquilo que resta após a extinção do fogo. Evoca a nulidade ligada à vida humana e, por causa da sua precariedade, está relacionada à morte. Quando Adelina está perto do amante, é como se ele consolidasse a nulidade da vida dela, já que ela sempre fazia as vontades dele, além de representar a morte dos desejos que estavam dentro dela. Como a mulher descobriu que poderia “viver”, não quis mais saber do amante, pois longe dele, e com os sapatos vermelhos, ela poderia libertar seus desejos.

Outra cor que percebemos no fim do texto é o marrom, a cor de um vestido que ela usa para ir trabalhar, simboliza a degradação, pois quando chega ao trabalho todos perguntam por que ela está andando com dificuldade, mentindo, diz que é porque os sapatos estão apertados; entretanto, a verdade é que seus pés estavam cheios de ferimentos por causa dos sapatos vermelhos.



Ela não conseguia resistir à tentação de usá-los, mesmo com todas as feridas, o que mostra a degradação a que ela chegou. “Por sua delicadeza, o tornozelo revela numa mulher possibilidades de refinamento e habilidade nas relações sexuais” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1999, p. 888) e para os chineses ele evoca certas partes mais íntimas do corpo da mulher. Já que o tornozelo dela estava com muitos ferimentos e mesmo assim ela continuava usando os sapatos, infere-se que não importava a dor que sentia ao usá-los e sim o poder sobre os homens. Seus tornozelos são uma metáfora do que ela se tornou em suas relações sexuais e do que suas partes íntimas começaram a representar. O número três também merece destaque como símbolo: “é um número perfeito, a expressão da totalidade, da conclusão: nada lhe pode ser acrescentado” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1999, p. 899). Ele está presente tanto na estrutura do texto, dividido em três partes, quanto diluído no próprio enredo, por exemplo, a quantidade de homens com quem ela manteve relações sexuais e o fato de o sapato estar guardado na terceira gaveta da penteadeira. Isso conota que ela se sentiu completamente satisfeita, como se ela estivesse completa.

### 3 Os Sapatinhos Vermelhos: Caio Abreu x Hans Andersen

Nosso principal foco, aqui, não é apenas expor os significados dos símbolos encontrados nas duas histórias, mas fazer uma comparação temática entre o que separa o texto de Andersen do texto de Caio.

No texto de Andersen, percebemos a presença da religiosidade, de um Deus que pune o pecado se você fizer a escolha errada. Há a possibilidade de fazer a sua própria vontade, mas terá que prestar contas a Deus, que pode lhe punir, mostrando que a essência precede a existência, o contrário do que diz a teoria existencialista de Sartre, que veremos em Caio Abreu. Já que existe Deus, e há que se adequar as escolhas ao que está dentro de sua lei, a quebra destas, causa sofrimento e atrai o mal, então, o tema do texto é puramente moral: “o salário do



pecado é a morte” (Rm 6, 23); ao desobedecer a Deus, o homem ganha para si a morte, não apenas física, mas em todos os aspectos. E, além dessa religiosidade, há uma denúncia social, pois a sociedade valorizava o que a pessoa tinha e não o que ela era, fazendo, inclusive, a própria pessoa se submeter a essa ideologia como aconteceu com a menina do texto de Andersen.

Em Caio, há a presença da religiosidade, mas para ironizar o fato de que o homem pode fazer o que quiser. A religiosidade não passa de limites estabelecidos pelo próprio homem, é ele quem decide o que faz e não é punido por nenhum Deus, pois este não existe: “o homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo” (PAIVA, 1990, p. 85). Vemos, aqui, uma abordagem existencialista, teoria de Jean-Paul Sartre, que afirma que o homem pode determinar o seu futuro, pode escolher, mas essa escolha lhe causará angústia<sup>1</sup>, pois, se não há um Deus para jogar a culpa pelos próprios erros, ele é o único responsável por sua vida. Este é o tema central do conto de Caio, pois, como já vimos, opõe-se ao tema encontrado em Andersen. A idéia central de todo pensamento existencialista é de que a existência precede a essência. Não existe nenhum Deus que tenha planejado o homem e, portanto, não existe nenhuma natureza humana fixa a que o homem deva respeitar. O homem está totalmente livre, é o único responsável pelo que faz de si mesmo. O fato de que a mulher não é punida pelo seu “pecado” confirma essa teoria e, quando ela tem que escolher entre continuar com os sapatos, representação do pecado, ou não, ela coloca a culpa no néon, agindo de má fé, “quem mente e se desculpa declarando: nem toda gente faz assim, é alguém não está à vontade com sua consciência; porque o fato de mentir implica um valor universal atribuído à mentira. Ainda quando a disfarçamos, a angústia aparece.” (PAIVA, p. 89, 1990). Entretanto ela se sente bem com o que faz e é isso o que importa para ela, mas essa liberdade e responsabilidade é fonte de angústia, pois não há nenhum Deus e, portanto, nenhum plano divino que determine o que deve acontecer, não há nenhum determinismo. O homem é livre. Não pode desculpar sua ação dizendo que está forçado por circunstâncias

ou movido pela paixão ou determinado de alguma maneira a fazer o que ele faz. A preocupação é com o sentido ou o objetivo das vidas humanas, mais que com verdades científicas ou metafísicas sobre o universo. Assim, a experiência interior ou subjetiva é considerada mais importante do que a verdade “objetiva”, um fundamento igual ao da filosofia oriental. Para a Adelina, a verdade não estava no exterior, não importava o que era pecado ou não, ela é quem decidia, dentro dela, ou seja, subjetivamente, a sua própria verdade, se aquilo lhe fazia bem, essa era a única verdade. Essa sua liberdade explora outro sentimento: o egoísmo que

de acordo com sua natureza, é sem limites: o homem quer conservar incondicionalmente sua existência, a quer incondicionalmente livre da dor à qual também pertence toda penúria e privação, quer a maior soma possível de bem-estar, quer todo o gozo de que é capaz e procura, ainda, desenvolver em si outras aptidões de gozo. Tudo o que se opõe ao esforço de seu egoísmo excita sua má vontade, ira e ódio; procurará aniquilá-lo como a seu inimigo. Quer, o quanto possível, desfrutar tudo, ter tudo. Porém, como isto é impossível, quer, pelo menos, dominar tudo (SCHOPENHAUER, 2001, p. 121).

Em relação às questões de moralidade sexual encontradas no texto percebemos que a atitude de Adelina é totalmente imoral segundo os preceitos da sociedade. “As nossas funções, quando orientadas de accôrdo com o fim physiologico a que se destinam, nenhuma immoralidade encerram” (sic) (ALBUQUERQUE, 1930, p. 15), entretanto se a pessoa ultrapassa o necessário, transformando essa função em agente excessivo de prazer, a torna nociva ao organismo, como se depreende da história, pois ela ultrapassa os seus limites, até ali.

Portanto, vimos que Andersen e Caio a partir do mesmo objeto, o sapato, exploram de modos diferentes suas várias significações. Em Andersen, o conteúdo é moral-religioso, já em Caio há um fundo moral sob outra perspectiva com ênfase na liberdade dos indivíduos como a sua propriedade humana



distintiva mais importante, da qual não pode fugir. O homem se faz em sua própria existência.

### Nota

<sup>1</sup> Segundo a teoria existencialista, quando o homem passa a ser o que escolheu, ele não poderá “escapar ao sentimento da sua total e profunda responsabilidade” (PAIVA, p. 88, 1990), por isso o sentimento de angústia.

### Referências

ABNT. *NBR 6028: resumos*. Rio de Janeiro: ABNT, 1990.

ABREU, C. F. *Caio 3 D: o essencial da década de 1980*. Porto Alegre: Agir, 2006.

ALBUQUERQUE, J. de. *Moral sexual*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1930.

ARISTÓTELES; H. ORÁCIO; LONGINO. *A Poética clássica*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1988.

BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Tradução de Padre Antonio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. Edição Ecumênica.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

COELHO, N. N. *O Conto de fadas: símbolos mitos arquetipos*. São Paulo: DCL, 2003.

KRISHNAMURTI, J. *A primeira e a última liberdade*. Tradução de Hugo Veloso. São Paulo: Cultrix, 1972.

PAIVA, V. P. *O pensamento vivo de Sartre*. São Paulo: Martin Claret, 1990.

SCHERMANN, E. Z. *O Gozo En-cena: sobre o masoquismo e a mulher*. São Paulo: Ed. Escuta, 2003.



SCHOPENHAUER, A. *Sobre o fundamento da moral*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Caio\\_Fernando\\_Abreu#column-one#column-one](http://pt.wikipedia.org/wiki/Caio_Fernando_Abreu#column-one#column-one)>

<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Hans\\_Chistian\\_Andersen#column-one](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hans_Chistian_Andersen#column-one)>

